



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## PERCEPÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS ACERCA DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL: DISCUTINDO O VERNÁCULO DO SERTÃO DA RESSACA

Andréia Prado Lima\*  
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva\*\*  
(UESB)

Valeria Viana Sousa\*\*\*  
(UESB)

### RESUMO

O artigo discute como a percepção que alia aspectos sociais e históricos é necessária para a compreensão da realidade linguística de uma comunidade de fala. A comunidade linguística em questão é a situação na região metropolitana de Vitória da Conquista, um dos pólos econômicos mais importantes do Estado. Como outras cidades, a exemplo de Feira de Santana, Vitória da Conquista recebeu desde meados da década de 40 do século XX grande quantidade de migrantes que passaram a constituir a comunidade linguística, apresentando padrões linguísticos característicos da região. Dados do Português Popular revelam que, no âmbito da sintaxe de concordância, o vernáculo conquistense apresenta uma variação com tendência de aquisição de marcas de concordância no sintagma verbal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português Popular; Visão social e histórica; Vitória da Conquista.

---

\* Discente de pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista FAPESB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: andreia-limma@hotmail.com.

\*\* Doutor em Letras (Linguística Histórica) pela UFBA. Professor titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: adavgvstvm@gmail.com.

\*\*\* Doutora em Letras pela UFPB. Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: valerianaviana@sousa@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## INTRODUÇÃO

A inegável influência do pensamento de Ferdinand Saussure na compreensão dos fenômenos linguísticos pode ser sentida no pressuposto teórico que postula ser a língua um sistema de signos apoiado nas relações internas que se mantinham no limite desse sistema. Tal postura exigia liberdade para que não se recorresse a qualquer injunção exterior. Dessa forma, o Estruturalismo, em seus primeiros momentos, levou os estudiosos da linguagem a excluírem fatores de ordem externa como questões geográficas, socioeconômicas e políticas. No entanto, estudiosos como Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen e Emile Benveniste mostraram-se sensíveis à discussão da língua interpretada pelo viés social.

Nesse artigo, procuramos trazer a visão de três linhas de estudiosos que procuram, na história social das comunidades, explicações para justificarem os fenômenos linguísticos encontrados. A escolha dos estudos se pauta não só na importância dos pesquisadores, mas também numa demonstração de como o percurso da compreensão da história social e linguística pode influenciar nas pesquisas.

Serafim da Silva Neto soube interpretar a realidade multilinguística do português do Brasil à luz da história e da estratificação da sociedade brasileira. Ao defender a tese da unidade da língua portuguesa tanto no Brasil quanto em Portugal, o autor afirma, categoricamente, que as diferenças perceptíveis entre as duas variedades são tão naturais quanto aquelas encontradas no meio de qualquer sociedade civilizada.

Observando apenas o caso do português popular, nomeado por ele como “língua popular”, o autor caracteriza-o como “língua das pessoas humildes, das classes mais modestas da sociedade” e acrescenta que “no meio é pobre e acanhado: a percentagem de analfabetos é muito grande.” (SILVA NETO, 1986, p.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

18-9); ou, ainda, em outro trecho, “a fala de pessoas humildes, das classes mais modestas da sociedade. Aqui o meio é mais pobre e acanhado, e a percentagem de analfabetos é bastante grande” (SILVA NETO, 1986, p. 131).

Em outro momento, citando Pierson, Silva Neto reconhece que na cidade não podemos apenas considerar as classes sociais mais abastadas, pois nela convivem a ralé dos brancos e os descendentes de antigos escravos, cujo português caracteriza-se por ser rústico com vocabulário limitado e com numerosos erros de gramática, conforme Silva Neto (1986, p. 133). Além disso, para o autor, essa forma de língua portuguesa é quase que inteiramente alheia à escrita, servindo apenas como forma de comunicação da gente humilde, sendo transmitida de outiva e de forma inconsciente (SILVA NETO, 1986, p. 25).

Se olharmos com atenção, veremos que a definição de língua popular para Silva Neto envolve questões de ordem social e econômica (classes mais modestas, pobres), de nível cultural (analfabetos), de meio de realização (restrita à oralidade) e de ordem histórica (descendentes de antigos escravos ou a ralé dos brancos).

Os falantes do português popular seriam em sua maioria pobres, analfabetos, afro-brasileiros e brancos pobres. Historicamente, o autor relaciona os falantes à sua condição histórica, que no caso da cidade de Salvador, refere-se nitidamente não só à pobreza, mas também à condição de serem ex-escravos ou seus descendentes diretos, incluindo na mesma condição os brancos pobres. Para Silva Neto, a origem do português popular, em uma de suas variantes, está ligada às raízes sócio-históricas do povo brasileiro.

Do ponto de vista lingüístico, Silva Neto (1986) aponta as seguintes características próprias do português popular:

- a) epênteses vocálicas como no caso de "adevogado, abisolutamente"
- b) metafonía com alteração da qualidade vocálica nas sílabas não-acentuadas, como em "culer, muler" (p. 26) ou como em "muringa" e "mininu";
- c) metátese progressiva ou regressiva, como em "largato, dromir" ;



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- d) apócope do /r/ final, como em "trocê" (p. 26) e do /l/ final ;
- e) "desaparecimento da flexão numérica por meio de -s" ;
- f) "extrema simplificação das formas verbais, outrora cicatriz do primitivo aprendido tosco da língua portuguesa". De modo geral em todas as regiões, só se usam a 1.a. e a 3.a. pessoas; o plural da 1.a. pessoa perde o -s: *bamo, fazemo, fomo.*"
- g) redução do <nd> e <mb> a <n> e <m>;
- h) "lh = i" como em "mio, fio". " Este fato é característico dos crioulos. Já foi registrado em Cabo Verde, na Guiné, em São Tomé, em Ceilão, em Dio, em Goa e na Ilha do Príncipe.";
- i) A impessoalidade do verbo "ter" onde a língua culta usa "haver". É um fenômeno, que é geral nos crioulos, representa o desenvolvimento, na boca de pessoas incultas, de uma série de fatores convergentes.";
- j) "o emprego da preposição *em* com verbos de movimento";
- k) "o uso de *mim* como sujeito de orações infinitas" .

A origem de tais características, segundo o autor, está no contato de brancos europeus e negros africanos, constituindo uma língua semicrioula cujo isolamento geográfico e social conservou-se especialmente nas zonas rurais. Além disso, uma fratura na transmissão lingüística, menor no litoral do que no interior, é responsável pela grande diferença entre os falares rurais e urbanos. (SILVA NETO 1986, p. 189 - 190)

Se nos concentrarmos na flexão verbal, na "extrema simplificação das formas verbais" (p. 135), o autor relaciona-a a "outra cicatriz do primitivo aprendido tosco da língua portuguesa" (p. 135) e reproduz o quadro flexional do português do nordeste segundo Marroquim. A esse texto, Silva Neto junta informação retirada de Gastão Vieira segundo o qual "nas classes baixas - e acredito que o defeito é de todo o Brasil - não é comum ouvir-se um verbo direito. Os 'nós vai, 'eu fez', 'nós era', 'a gente vamos', etc., são mais ou menos corriqueiros." (VIEIRA apudSILVA NETO, p. 135). Silva Neto parece concordar com



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Gastão Vieira, pois chega a concluir que tais usos, característicos de nossos falares regionais, têm âmbito "panbrasileiro (sic)". (SILVA NETO, 1986, p. 134). Além de Gastão Vieira, o autor faz alusão a Ferreira Pais, que, ao estudar o dialeto rio-grandense, afirma que existe uma acentuada e irresistível tendência à simplificação e à unificação das formas verbais, tendência verificada por Pais em 1852, conforme lemos em Silva Neto (1986, p. 135).

Silva Neto prega a "planificação dessas formas" com base na norma culta e o faz a fim de elevar a qualidade de vida das pessoas pobres e pouco privilegiadas, cuja instrução primária e "aproveitamento imediato de todos aqueles que revelem aptidões notáveis" (SILVA NETO, 1986, p. 192) podem favorecer ao descobrimento de outro Brasil.

Silva Neto, a fim de descrever a origem do português do Brasil, utiliza fatos históricos e sociais, considerando que a forma de falar do povo brasileiro está ligada à sua origem como sociedade. Na visão do autor, podemos observar a crença de que a democratização do ensino poderá reverter o quadro por ele observado, disso podemos deduzir que a permanência das características por ele apontadas está ligada a fatores externos, como o contato com grupos letrados, já que a instrução favorece a expansão social e cultural do indivíduo.

Com base em dados históricos da constituição populacional do Brasil e aliando a esses dados elementos referentes à educação, Mattos e Silva defende a tese de que o português popular do Brasil caracteriza-se por ser herdeiro histórico de uma forma de língua falada por diversos povos, entre eles negros africanos e índios americanos, que aprenderam o português como segunda língua em condições adversas e transmitiram a seus descendentes essa forma de língua segunda defectiva como modelo para a aquisição da língua materna destes. Embora não advogue nem negue a existência de falares crioulos no Brasil, Mattos e Silva pondera que as diferenças sensíveis no português popular do brasileiro devem-se ao contato entre os elementos que compuseram a história social que deu



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

origem ao povo brasileiro. A história do português do Brasil é reflexo da história da civilização brasileira.

A origem do português popular do Brasil, segundo Mattos e Silva, está na situação de contato entre falantes de línguas diversas que compunham a sociedade brasileira colonial (MATTOS E SILVA, 2004, p. 40). Além disso, foram os negros africanos e seus descendentes brasileiros os responsáveis pela difusão dessa forma de língua portuguesa pelo país, já que um tipo de "português geral do Brasil", protolíngua para o português popular, moveu-se segundo as necessidades do braço escravo no desenvolvimento de atividades econômicas (MATTOS E SILVA, 2004, p. 83).

Dois fatos históricos importantes, um pontual e outro contínuo, são apontados por Mattos e Silva como marcos para a caracterização histórica do português do Brasil. O primeiro está ligado à política pombalina, com a conseqüente imposição da legitimidade do português como língua oficial da colônia. Foi graças ao conjunto de medidas empreendidas por Pombal, a partir de 1775, que o português no Brasil passou a ser a língua mais falada no território nacional, já que era comum nos dois séculos iniciais da colonização o bilingüismo, predominando, as línguas indígenas ou a fusão de um falar indígena, africano e português.

O outro fato é o predomínio do meio rural na história da civilização brasileira. A predominância do meio rural e das atividades econômicas nele praticadas contribuíram para a atual situação lingüística que se pode observar no Brasil. O meio urbano no Brasil vai predominar apenas na segunda metade do século XX e as poucas cidades que existiam, por exemplo, no século XIX e início do século XX eram ocupadas por indivíduos oriundos do meio rural, que conservavam consigo as práticas sociais comuns ao campo. Como conseqüência desse processo lento de urbanização houve um crescimento lento do nível de alfabetização no Brasil. Citando Houaiss, a autora afirma que o índice de alfabetizados no Brasil no



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

início do século XIX era de 0,5%, na população como um todo, e entre os negros de 0,01% no final do século XIX, enquanto que a população branca oscilava em 80% e 86%, sem considerarmos as mulheres. Dessa forma, muitos falantes do português do Brasil não tinham acesso ao papel normatizador da escrita, visto que ela é que transmite os padrões “legitimados” do bom uso do idioma.

Em síntese, Mattos e Silva, ao reconhecer a pluralidade histórico-social do Brasil, reconhece a existência de uma variedade culta e de outra popular, que é falada pela maioria dos brasileiros. O português culto do Brasil é herdeiro direto do português europeu, e o português popular do Brasil tem seu antecedente num português geral brasileiro, adquirido exclusivamente na oralidade e em situações de aquisição imperfeita e difundido pela força da expansão de atividades econômicas que tinham como base a mão-de-obra escrava. Por fim, devemos acrescentar que a autora nega a tese do conservadorismo e aponta algumas características do português brasileiro não como formas mantidas do velho português, mas produzidas por influência dos falares resultantes do contato com povos de línguas diferentes.

### 3. A percepção sócio-histórica de Silva.

A despeito de todas as considerações pejorativas que possam envolver o termo *popular*, Jorge Augusto Alves da Silva emprega-o, em seus estudos, 2003 e 2005, para definir a variedade de língua usada como vernáculo, na acepção laboviana do termo, pelos brasileiros que se encontram, via de regra, na base da nossa pirâmide social.

Reconhece o pesquisador que as variedades populares fazem parte de todas as línguas usadas em sociedades de classe, mas, no caso brasileiro, o português popular tem sua origem e consolidação nos contatos linguísticos entre falantes de línguas diversas na formação da sociedade brasileira no período colonial.

Assim, Silva (2003 e 2005) considera o português popular do Brasil como herdeiro de uma situação de transmissão linguística irregular, que produziu



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

alterações significativas na estrutura da língua portuguesa que se socializou entre os escravos africanos e índios brasileiros e se “nativizou” entre os seus descendentes endógamos e mestiços. Tais alterações podem ser vistas, sobretudo, na redução do sistema flexional, ocasionando, primeiramente, opacidade e, posteriormente, variação como provamos em nosso estudo, entre as formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira do plural. A variação na aplicação da regra de concordância no português popular do Brasil, diz o pesquisador, não é fruto de uma tendência secular, mas de uma situação social e linguística comum às situações de contatos entre línguas.

Forças externas ao “Sistema” como o isolamento social de certos grupos afro-brasileiros e a falta de letramento fizeram perpetuar uma situação em que se verificou a variação na concordância verbal.

À medida que os contatos sociais começam a ser mais constantes e a ação da escola começa a se implementar, a tendência é que as marcas que caracterizam a concordância verbal no português passam a recrudescer sua presença entre os falantes do português popular. Para sustentar tal afirmação, o pesquisador investigou o vernáculo dos falantes de três comunidades do interior do Estado da Bahia, Cinzento (comunidade rural afro-brasileira), Morrinhos (comunidade rural) e Poções (comunidade urbana), a fim de delinear um quadro de tendência à aquisição do modelo de concordância verbal conforme o uso da norma culta, envolvendo contextos linguísticos e sociais analisáveis dentro da proposta de Sociolinguística Quantitativa.

Do ponto de vista das variáveis linguísticas, as pesquisas mostraram que existe uma tendência para a aplicação da regra de concordância entre o sujeito e o verbo quando aquele está imediatamente anteposto a este. Já a retomada do sujeito pelo pronome relativo *que* desfavorece a aplicação da regra, demonstrando que esse pronome relativo obscurece certos traços semânticos do sujeito por ele retomado. Além disso, constatou-se que a não-realização do sujeito, também



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

favorece, em nível menor, a concordância, já que sua recuperação além de ser necessária para a compreensão das estruturas está ligada à emergência nas comunidades de fala de um novo padrão linguístico advindo do contato com outros grupos sociais, revelando que no português popular os traços de sua origem crioula estão sendo conjuntamente substituídos por estruturas que se aproximam do português culto.

A compreensão dessas características do português popular reveste-se de especial importância na elaboração de ações pedagógicas que acelerem a aquisição das formas da norma culta por falantes do português popular que passam a ter acesso à educação formal.

O estudo revela que fatores sociais ou extralinguísticos podem favorecer a aplicação da regra de concordância no português popular, já que a aplicação da regra geral de concordância estaria relacionada ao contato e à circulação nos espaços sociais.

O espaço legítimo da presença e atuação dos membros femininos de uma comunidade está restrito, na maioria dos casos, ao ambiente doméstico ou a uma extensão dele. Os papéis femininos e masculinos são determinados, pois, pelo espaço legítimo de circulação e dele dependem não só a quantidade como a qualidade dos contatos. Os homens mantêm contato mais extensivo com pessoas fora do seu meio doméstico de circulação, tornando-se, portanto, os veículos de contato entre o meio externo e o interno da comunidade. Apesar de terem ocorrido algumas conquistas femininas, é visível, ainda, no interior do Estado da Bahia que a situação da mulher permanece ligada aos valores tradicionais, especialmente no meio rural.

Nas três comunidades, alvo da pesquisa do estudioso, jovens e indivíduos de meia idade tendem a apresentar estruturas que mostrem explicitamente a concordância entre o sujeito e o verbo, enquanto que os mais velhos tendem a apresentar um nível menor de concordância. Obviamente, os mais jovens sofrem



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mais pressão do meio exterior e, portanto, é plausível que procurem se adaptar às situações cada vez mais próximas da norma de prestígio. Os mais velhos demonstrariam em sua fala comportamentos lingüísticos mais próximos da origem do português popular, representado por uma simplificação no sistema flexional dos verbos.

Os dados das pesquisas de Silva (2003 e 2005) reforçaram a nossa tese de que no português popular está havendo uma mudança linguística no sentido do incremento do uso das marcas de concordância e que tal processo é influenciado pela pressão externa exercida pela norma culta.

Para o pesquisador, as situações de contato social são influenciadas pela proximidade com os centros urbanos. O nível de urbanização e o contato com os aparatos próprios da urbanização interferem no nível de aquisição das marcas de flexão, de modo que, quanto mais a comunidade estiver próxima do ideal de urbanização, maior será a sua aproximação aos índices da língua culta, provando que a cidade é centro irradiador dos processos atuais de difusão linguística.

Portanto, todo esse processo de mudança referente à elevação do nível de aplicação da regra de concordância verbal nas comunidades analisadas no interior do Estado da Bahia reforça a percepção de que situações anteriores de contato foram a mola mestra na formação da variedade do português popular do Brasil e que outras situações se apresentam, forçando que a haja uma mudança em direção à norma de prestígio.

A partir do processo de industrialização e urbanização da sociedade brasileira, desencadeado nas primeiras décadas do século XX, essas variedades populares do português passaram a sofrer uma crescente influência dos modelos da norma culta do português brasileiro. Tal influência irradia-se a partir dos grandes centros urbanos do sudeste do Brasil para o interior do país, atingindo inicialmente os centros urbanos regionais, para ir progressivamente alcançando núcleos populacionais cada vez menores, na medida em que aumenta a influência



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

dos veículos dessa urbanização, nomeadamente os meios de comunicação de massa, em cada recanto do país.

O uso da regra de concordância verbal reveste-se do valor simbólico do prestígio social e expande-se juntamente com os demais valores da urbanidade e da cidadania. Portanto, a escala decrescente na frequência de uso da regra de concordância verbal na comunidade urbana de Poções, em sua zona rural e na comunidade afro-brasileira de Cinzento reflete inversamente o grau de abandono dessas populações por parte do Estado brasileiro e de suas políticas públicas. No caso da comunidade quilombola de Cinzento, a marginalização e o estigma, marcam-na com violência desde a sua origem. A eliminação do sistema gramatical da língua portuguesa na formação dessa variedade linguística resulta da exclusão dessa comunidade de fala de todos os direitos civis da sociedade que usava essa língua. Desse modo, podemos dizer que a diminuição dos níveis de variação na concordância verbal assenta, antes de tudo, na inclusão social, na ampliação do universo da cidadania e na distribuição menos injusta das riquezas deste país.

## CONCLUSÕES

O componente social não figura, como ficou demonstrado nesse estudo, não deve ser entendido como um acréscimo, um apêndice, algo a que se deva recorrer em último caso, pois o social e o histórico são elementos essenciais e, portanto, indissociável da prática da análise linguística.

Conhecer a história de uma comunidade de fala é condição *sine qua non* para se discutir as mudanças linguísticas em processo e as que foram concluídas nessa comunidade. É preciso reconhecer que as sociedades estão passando por processos de urbanização e de abertura maior para as inovações cidadinas; os meios de comunicação de massa e a melhoria do transporte e da malha rodoviária são elementos importantes de ligação entre duas realidades (as antigas e as novas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

idades), produzindo alterações urbanas (na estrutura visível) e estruturas linguísticas da comunidade de fala.

## REFERÊNCIAS

- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. Processos de descrioulização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro. *Papia*. n.2, 1993, p. 59-71.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CASTRO, Eugênio. *Ensaio de geographia linguistica*. 2.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.
- CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory*. 3.reimpressão. Oxford: Blackwell, 1997 [1995].
- CHAMBERS. J.K.; TRUDGILL. P. *Dialectology*. 2.a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Contradições no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1995.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004b.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988a [1957].
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1950].
- \_\_\_\_\_. *Manual de Filologia Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988b
- SILVA, Jorge Augusto Alves da. Concordância verbal na língua de preto de Gil Vicente. In: COUTO, Hildo (Org). *Papia*. Brasília: UnB.
- \_\_\_\_\_. Concordância verbal na língua portuguesa: uma visão histórica. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., 2002, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana – BA: UEFS, 2002.
- \_\_\_\_\_. Concordância verbal no português afro-brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIAS APLICADAS AO ENSINO, 2., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2003.
- \_\_\_\_\_. Regras particulares ou variação: um estudo da concordância verbal nas gramáticas normativas do português à luz da teoria variacionista. In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 5., 2002, Vitória da Conquista. *Anais...* Vitória da Conquista – BA: UESB, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 2003. 254 f.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003a.